

Vol XVI, Núm 2, jul-dez, 2023, pág. 213-241.

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E O CENÁRIO DA PANDEMIA DE COVID-19: ESTADO DA ARTE DAS PESQUISAS BRASILEIRAS

Rafael Grigório Barbosa
Nívia Maria Vieira Costa
Alessandra Sampaio Cunha

RESUMO

Este artigo trata da Educação de Jovens e Adultos - EJA no cenário da pandemia de Covid-19. Propomo-nos a fazer o levantamento dos artigos publicados em revistas científicas durante o período de 2020 a 2022, e utilizamos para a busca as palavras-chave “EJA e Covid-19” nas plataformas do Portal CAPES, Scielo e Google Acadêmico. A pesquisa teve uma abordagem qualitativa, com o Estado da Arte como caminho metodológico. Para a discussão, optou-se pela análise de conteúdo. Foram identificados 29 (vinte e nove) artigos e os resultados apontaram para três campos problemáticos: a) o campo dos impactos, medidas governamentais e projeções da EJA; b) a docência da EJA: formação, percepções e experiências; c) os olhares e narrativas discentes da EJA. Finalmente, o artigo conclui-se com uma caracterização do cenário da EJA na pandemia de Covid-19. Entre as escritas e leituras produzidas nos artigos (re)visitamos sentimentos e nos emocionamos com as vivências e experiências constituídas por docentes e discentes da EJA ao longo desse período vivido, levantando questões que estiveram muito presentes nos artigos como a necessidade de se repensar o currículo da EJA, ainda muito voltado apenas para a certificação, assim como a urgência de se considerar na formação dos alunos da EJA a crise ecológica vivida no planeta, para que também sejam agentes transformadores nos seus espaços vividos, para que essa pandemia não seja o presságio de outras que possam vir.

Palavras-chave: EJA. Covid-19. Estado da Arte

YOUTH AND ADULT EDUCATION AND THE COVID-19 PANDEMIC SCENARIO: STATE OF THE ART OF BRAZILIAN RESEARCH

This article deals with Youth and Adult Education - EJA in the scenario of the Covid-19 pandemic. We propose to survey the articles published in scientific journals during the period from 2020 to 2022, and we used the keywords “EJA and Covid-19” in the CAPES Portal, Scielo and Google Scholar platforms for the search. The research had a qualitative approach, with the State of the Art as a methodological path. For the discussion, we opted for content analysis. Twenty-nine (29) articles were identified and the results pointed to three problematic fields: a) the field of impacts, government measures and projections of EJA; b) EJA teaching: training, perceptions and experiences; c) the views and student narratives of EJA. Finally, the article concludes with a characterization of the EJA scenario in the Covid-19 pandemic. Among the

writings and readings produced in the articles, we (re)visited feelings and were moved by the experiences constituted by EJA teachers and students throughout this period, raising questions that were very present in the articles, such as the need to rethink the curriculum of EJA, still very focused only on certification, as well as the urgency of considering the ecological crisis experienced on the planet in the training of EJA students, so that they are also transforming agents in their lived spaces, so that this pandemic is not the omen of others that may come.

Keywords: EJA. Covid-19. State of art

INTRODUÇÃO

Uma vez lançados num vórtice perturbador capaz de dar fim às nossas existências na Terra, como aprender ou desaprender a sairmos dele? O acontecimento da pandemia da COVID-19 no mundo custou-nos muitas vidas até que gradativamente esboçássemos algumas respostas para trilhar uma saída possível diante de tamanha turbulência. Praticamente nenhuma esfera da vida humana saiu ilesa dos impactos da pandemia, desde os sonhos, passando pelos sentimentos, afetos, atravessando os equipamentos sociais mais “duros” como a economia, a política, a saúde, a segurança. O campo da educação no Brasil também sentiu os efeitos de um mergulho no caos pandêmico. Em especial, queremos analisar esses impactos da disseminação da COVID-19 sobre a educação de jovens e adultos no Brasil durante os anos de 2020 a 2022, a partir das pesquisas brasileiras sobre o tema, com vistas a caracterizar um cenário complexo e problemático da EJA na pandemia.

Realizar um estado da arte dessas pesquisas passa necessariamente por traçar algumas linhas gerais do diagrama da investigação, considerando também sua especificidade histórica. Portanto, temos que delimitar alguns aspectos constitutivos desse vórtice viral sob três linhas de análise:

a) *A linha de proliferação dos discursos sobre o impacto da pandemia e sua relação com a EJA*

O acontecimento pandêmico nos lançou na fúria das incertezas, das imprevisibilidades, das instabilidades geradas pelo coronavírus. Populações de diversos países a adotaram mudanças emergenciais, pautadas nos conhecimentos disponíveis, mas também desde dentro de um imenso conflito de narrativas. Assim, muitas vezes, entraram em choque análises científicas, políticas, filosóficas que buscavam

compreender o fenômeno viral desde suas próprias perspectivas. Nesse sentido, faz-se necessário analisar o impacto da pandemia na EJA, possíveis avanços, retrocessos, contradições presentes nos discursos educacionais das pesquisas procurando também refletir sobre como a pandemia foi vista, percebida, sentida pelos sujeitos da EJA.

b) A linha de proliferação temporal dos acontecimentos pandêmicos na EJA

Nossas análises levam em consideração o que estava ocorrendo no campo da EJA em sua singularidade histórica. O momento de irrupção do caos pandêmico, desde as primeiras respostas, os primeiros aprendizados. Um momento que se desdobra com o surgimento das primeiras vacinas, que dão um alento à dor, o acúmulo de algumas experiências educativas como digitalização massiva da educação. E o momento atual, de parada para o primeiro balanço avaliativo, quando um “pós-pandemia” passa a ser vislumbrado, e o retorno das aulas presenciais começa a ser garantido.

c) A linha de proliferação educacional de percepções, experiências e saberes

Trata-se de analisar as percepções, os relatos de vivências, as experiências educativas realizadas, a produção de saberes agenciadas por estudantes, docentes, gestores e demais sujeitos da EJA, e refletir sobre sua condição educativa pandêmica, seus desafios, limites, alternativas.

Esperamos que com a aplicação dessas três linhas de análise possamos definir ainda que provisoriamente e de forma consistente um arco histórico e de conteúdo para o entendimento de questões, problemas, desafios, transformações relativas ao campo da EJA e assim perguntarmos: como se caracteriza o cenário da EJA na situação pandêmica?

Para a construção metodológica optamos pela abordagem qualitativa por meio da pesquisa documental. Colocar em destaque a pesquisa documental implicar trazer para a discussão uma metodologia que é “pouco explorada não só na área da educação como em outras áreas das ciências sociais” (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p. 38). O uso de documentos em pesquisa é que ele permite acrescentar a dimensão do tempo à compreensão do social. A análise documental favorece a observação do processo de maturação ou de evolução de indivíduos, grupos,

conceitos, conhecimentos, comportamentos, mentalidades, práticas, entre outros. (CELLARD, 2008).

O tipo de pesquisa que utilizamos foi o Estado da Arte, que se dá por meio da revisão de literatura das produções sobre EJA e pandemia de Covid-19 publicadas em periódicos qualis no período pandêmico, nos anos de 2020 a 2022. O Estado da Arte como método de pesquisa permite fazer um levantamento, mapeamento e análise do que se produz considerando áreas de conhecimento, períodos cronológicos, espaços, formas e condições de produção (FERREIRA, 2002; ROMANOWSKI e ENS, 2006).

No campo da EJA e Covid-19 partimos do pressuposto de que tais pesquisas contribuem para o entendimento da temática e ampliam as possibilidades do enfoque no campo educacional brasileiro. O levantamento dos artigos foi realizado no mês de setembro de 2022, mediante acesso ao portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Google Acadêmico e Scielo, utilizamos as palavras-chave para busca “EJA e Covid-19”.

Para a análise dos dados optamos pela análise de conteúdo, uma vez que visa a promoção de,

[...]um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção [...] destas mensagens. (BARDIN, 1977, p.35)

Assim, por meio da análise de conteúdo dos artigos três fatores foram considerados, o marco temporal da pandemia em que o artigo foi escrito, ano de 2020 - fase mais crítica da pandemia, com muitos óbitos e sem vacinas e interrupção das aulas presenciais. O ano de 2021 - com o início da vacinação da população brasileira e tentativas de ofertas educacionais na proposta de ensino emergencial remoto. E ano de 2022 - com grande parte da população vacinada, redução dos óbitos e retorno às aulas presenciais.

Analizamos também os discursos gerados, suas metáforas, signos, concepções que foram criadas em torno da EJA. Como o estado atendeu a EJA? Quais imagens da pandemia foram produzidas na EJA? Como o campo da EJA deu sentido à pandemia? Assim como as também foram abordadas as vivências, saberes, práticas e experiências geradas pela EJA durante a pandemia.

Na busca realizada pelas palavras-chave “EJA e Covid-19” nas plataformas acadêmicas virtuais de periódicos, nenhum artigo foi encontrado no Scielo. Por outro lado, 10(dez) artigos foram identificados no Portal Capes e 19 (dezenove) artigos no Google Acadêmico, totalizando 29 (vinte e nove) artigos, todos com publicação nos anos de 2020, 2021 e 2022. Os trabalhos foram catalogados por plataforma de busca, título, autores e revista, local e ano, conforme tabela 1.

Tabela 1 - Artigos sobre EJA e Covid-19 – Portal Capes e Google Acadêmico

PLATAFORMA DE BUSCA	TÍTULO	AUTORES	REVISTA CIENTIFICA, LOCAL E ANO
PORTAL CAPES	Políticas e práticas curriculares na educação de jovens e adultos: século XX à pandemia de Covid-19	Silva, E. J. L.	REV. ESPAÇO DO CURRÍCULO(ONLINE), JOÃO PESSOA, V.14, N.1, P. 1-9, JAN/ABR. 2021.
	Tecnologias digitais: as complexidades do cenário pandêmico no proeja e na eja durante o ensino remoto	Melo, Silva e Gaia	Educitec - Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico, Manaus (AM), v. 8, e198522, 2022.
	A educação permanente e a formação continuada docente: questões urgentes para um mundo pós-pandêmico	Ivenicki, A.	Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.29, n.113, p. 849-856, out./dez. 2021
	A eja em tempos de pandemia: análise do fator (des)motivação	Pinho <i>et al</i>	Revista de Geografia (Recife) V. 39, No. 1, 2022
	Contradições da educação de jovens e adultos em tempos de educação remota	Silva e Barbosa	ETD- Educação Temática Digital Campinas, SP v.24 n.1 p. 14-31 jan./abr. 2022
	A realidade da educação ribeirinha no contexto da covid-19: saberes pedagógicos para a ação docente	Santos <i>et al</i>	Revista Práxis Novo Hamburgo a. 18 n. 3 set./dez. 2021
	Projeto interdisciplinar e desenvolvimento da aprendizagem na eja em tempos de covid-19: uma análise crítico-reflexiva	Alves, Silva e Bessa	Signo. Santa Cruz do Sul, v.46, n. 85, p.180-192, jan./abr. 2021.
	Letramento e avaliação em tempos de covid-19: uma análise com estudantes da eja	Silva, Sousa e Netto	<i>Estud. Aval. Educ.</i> , São Paulo, v. 32, e08265, 2021
	Estratégias e desafios da atuação docente de uma professora no contexto da pandemia da Covid-19	Scalabrin e Mussato	<i>Revista de Educação Matemática</i> , São Paulo, SP, v. 17, 2020, p. 1-19
Resistências e esperanças em freire: reflexões acerca da educação de jovens e adultos no período de pandemia da covid-19	Laffin, Machado e Martins,	Debates em Educação. Vol. 13 Número Especial 2021	
GOOGLE ACADÊMICO	Educação de jovens e adultos (eja) no contexto da pandemia de covid-19: cenários e dilemas em municípios baianos	Cunha Júnior et al.	Revista Encantar - Educação, Cultura e Sociedade - Bom Jesus da Lapa, v. 2, p. 01-22, jan./dez. 2020
	Narrativas de estudantes da eja no contexto da pandemia da covid-19	Souza, Santos e Júnior	Revista Educação e Ciências Sociais, Salvador, v.4, n.7, 2021.
	Docência em eja no ifg: extensão no contexto da pandemia covid-19	Pereira e Barbosa	Revista UFG. 2020, v.20.
	A eja em tempos de pandemia de covid-19: reflexões sobre os direitos e políticas educacionais na amazônia bragantina	Cunha, Neves e Costa	NOVA REVISTA AMAZÔNICA - VOLUME IX - Nº 01 - MARÇO 2021
	Covid-19, ensino remoto e a educação de jovens e	Correia e	BOLETIM DE

adultos	Nascimento	CONJUNTURA (BOCA) ano III, vol. 6, n. 17, Boa Vista, 2021
Bncc e pandemia covid-19: impactos causados em uma escola eja cearense	Costa <i>et al</i>	Research, Society and Development, v. 10, n. 16, e153101623785, 2021
EJA–EPT: a pandemia covid-19 e o agravamento da crise capitalista	Winter e Maraschin	EJA em Debate Ano 10, n. 18, jul./dez. 2021 ISSN: 2317-4417
A EJA e o ensino remoto emergencial: um olhar discente	Silva, Freitas e Almeida	Ensino em Perspectivas, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 1-10, 2021
Mesmo em tempos de COVID-19, não dá para lavar as mãos de Paulo Freire	IRELAND	Revista Retratos da Escola, Brasília, v. 14, n. 29, p. 427-441, mai./ago. 2020.
Ansiedade na pandemia covid-19: influências no aprendizado da eja-educação de jovens e adultos e terapia cognitivo comportamental na criança.	Vasconcelos e Martins	Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação. São Paulo, v.8.n.07. jul. 2022
A eja e a pandemia de covid-19 em uma escola municipal de pelotas	Braun <i>et al</i>	Revista Seminário de História da Arte ISSN 2237-1923 VOLUME 02, Nº 09, 2022
Tendências da educação de jovens e adultos pós-pandemia de covid-19	Andrade	RTPS – Rev. Trabalho, Política e Sociedade, Vol. 6, nº 10, p. 213-238, jan.-jun./2021
Práticas políticas de escolarização do peja no contexto da covid-19: táticas e (im) possibilidades	Figueira e Rodrigues	Revista Communitas V5, N11 (Jul Set/2021): Esperançar a EJA57
Os fios que tecem as trajetórias de vida no campo: entrelaçamentos de saberes e fazeres na educação de jovens e adultos do centro educacional casa grande no contexto da pandemia da covid-19	Silva	Cadernos RCC#29 • volume 9 • número 2 • maio 2022
Formação de professores da eja em tempos de pandemia: interação, criatividade e aprendizagem	Bolfe e Portilho	Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 22, n. 72, p. 222-246, jan./mar. 2022
Os desafios do ensino de matemática no contexto da pandemia da COVID-19: um olhar para a educação de jovens e adultos	Costa e Gonzaga	Research, Society and Development, v. 11, n. 5, e35011528217, 2022
Proporcionalidade entre grandezas na eja: experiências no ensino remoto	Ferreira e Ribeiro	Cadernos de Aplicação (online) Porto Alegre jan-dez. 2022 v.35
A educação de jovens e adultos (eja) no contexto da pandemia	Sousa, Oliveira e Júnior	Revista Humanidades e Inovação v.8, n.61, 2021
Educação não presencial na eja do paraná em tempos de pandemia: uma proposta possível?	Lima <i>et al</i>	INTERACÇÕES NO. 54, PP. 106-125 (2020)

Fonte: Elaborado pelos autores (2022)

EJA NA PANDEMIA: IMPACTOS, MEDIDAS GOVERNAMENTAIS E PROJEÇÕES

Do conjunto de pesquisas analisadas percebemos que 07 artigos buscam traçar um mapa complexo e abrangente das relações da EJA no Brasil durante a pandemia. Tais pesquisas apresentam semelhanças entre os focos analíticos e procedimentos metodológicos de investigação. Tais artigos caracterizam-se principalmente por: a) análises de impactos e influências da pandemia na EJA; b) problematização das contradições entre as propostas de ensino não presenciais promovidas pelos governos

(federais, estaduais e municipais) e a realidade cotidiana da docência e dos estudantes das turmas da EJA; c) reflexão sobre possíveis tendências nessa modalidade de ensino no período pós-pandêmico. Metodologicamente são pesquisas de caráter documental e bibliográfico, utilizando-se como referenciais os fundamentos teóricos e legais da EJA no Brasil e sobretudo, documentos como leis, resoluções e portarias específicas emitidas à época.

Os impactos e influências da pandemia atingem fortemente as condições socioeconômicas e culturais dos estudantes da EJA. Numa análise que articula a pandemia, o agravamento da crise capitalista e a relação entre EJA e trabalho, Winter e Maraschin (2021, p. 50) afirmam que a pandemia amplia problemas já anunciados e “traz à tona o aumento da pobreza e, mais ainda, denuncia a falta de acesso as tecnologias digitais, ao emprego e renda, excluindo mais uma vez os trabalhadores estudantes da EJA e EJA/EPT.” Tais impactos e influências também estão diretamente relacionadas às contradições entre as propostas de ensino não presenciais governamentais e a realidade da sala de aula da EJA.

Na pesquisa de Lima *et al* (2020) sobre os documentos que regem a educação não presencial no Paraná, em especial na EJA, os autores apontam inicialmente as decisões contraditórias da secretaria estadual de educação com a opção por Educação à distância (EAD) durante a pandemia. Afirmam que implantar a EAD sem levar em consideração as diferenças em relação ao ensino remoto (ER) “pode incorrer no risco de uma educação que se configure como uma prescrição, uma espécie de ‘remédio’ para dar conta de um aparente estado patológico atípico na sociedade brasileira” (LIMA *et al*, 2020, p.111). Para os autores, uma das diferenças importantes entre esses tipos de educação não presencial está no caráter planejado da EAD e não emergencial, acidental e por vezes improvisado do ER.

Na pesquisa de Cunha Júnior *et al* (2020), sobre o período pandêmico com docentes de EJA de três municípios da Baianos, destacou-se que apesar da especificidade de cada localidade e dos sujeitos que as constituem, há três pontos em comum ao tratar dos alunos inseridos na EJA nos três municípios: “a pouca escolarização, o desemprego ou as condições de subemprego ou empregos informais, as desigualdades sociais e educacionais, acesso restrito e pouca intimidade com as tecnologias” (p.22). Tais semelhanças inviabilizaram o atendimento a essa modalidade

durante o período remoto emergencial, uma vez que até os próprios docentes não tinham tal acesso ou não tinham os equipamentos necessários em suas casas ou nas escolas que trabalhavam.

Segundo Lima *et al* (2020) a preferência e o investimento no protagonismo da EAD no Paraná revelam seu caráter prescritivo e arbitrário que impuseram formas de “adaptação” e “ajustamento” de estudantes e docentes a uma nova realidade, uma vez que,

[...] tomaram-se medidas para o contexto avassalador da Covid-19, mas de uma forma arbitrária, verticalizada, ausente de diálogo com a comunidade escolar, sem que professores/as e estudantes, principais protagonistas desse processo, tivessem tempo hábil para uma qualificação/formação adequada para lidar com a tecnologia e metodologias adequadas para a modalidade EaD (LIMA *et al* 2020, p. 121)

Essas medidas revelaram a contradição entre a objetividade e impessoalidade dos documentos e a condição ontológica dos estudantes, ocasionando uma fratura entre a teoria e a práticas pedagógicas, desconsiderando os inúmeros desafios educacionais do momento, tais como: a sobrecarga do trabalho docente, a precariedade do acesso à internet, da capacidade técnica ou mesmo disponibilidade dos aparelhos eletrônicos pelos estudantes, as dificuldades financeiras ocasionadas pelo desemprego ou pela precarização do trabalho autônomo ou informal, além das grandes fragilidades e as especificidades dos sujeitos da EJA e a precária garantia do direito ao acesso e permanência na escola.

Ainda conforme Lima *et al* (2020, p.121) as pandemias mostram como o Estado, “incapacitado pelo modelo capitalista neoliberal, não consegue dar resposta às emergências e demandas sociais (...)tornando-se ainda mais grave quando olhamos para a modalidade de Educação de Jovens e Adultos.”

Sobre a capacidade do Estado Brasileiro responder as demandas da EJA, Andrade (2021) expõe uma ampla análise do contexto e das políticas públicas educacionais da modalidade e aponta algumas tendências para um período pós-pandêmico. Para o autor, a EJA apresenta 04 tendências, que seriam desencadeamentos político-econômicos sobre a modalidade após a imunização da população brasileira.

Segundo Andrade (2021), a primeira tendência refere-se a uma ampliação da demanda bruta e relativa para EJA no Brasil, no entanto há uma retração das matrículas, dada ausência de políticas públicas de ampliação de vagas, acompanhada de aumento

das taxas de analfabetismo, evasão e abandono escolar, exclusão social e digital decorrentes dos impactos da pandemia.

A segunda tendência indica uma retração no financiamento da EJA, seguida de uma histórica condição de ausência de dispositivos que garantam o repasse ou complementação de verbas da União, Estado e Município para EJA. Destaca-se ainda os impactos da Emenda Constitucional Nº 95, de 15 de dezembro de 2016 (BRASIL, 2016), que projeta um congelamento de 20 anos nos gastos para a modalidade. Nessa tendência, há ainda um impulso à certificação e à modalidade de ensino não presencial.

A terceira tendência seria o alinhamento da EJA à Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a nova gramática para a formação da classe trabalhadora, privilegiando uma formação imediatista, pragmática e articulando EJA e Educação Profissional. Em resumo, uma formação cada vez mais precária, condicionada a educar para o desemprego num mundo incerto e vulnerável.

A última tendência tem a ver com o trabalho docente na EJA. O docente da EJA no período pós-pandemia apresenta as seguintes características: polivalência, sobretudo no ensino privado, com índices significativos de educadores atuando em áreas em que não são habilitados; retração do quantitativo de docentes da EJA; precarização da profissão com crescimento de contratos temporários.

A Amazônia também foi cenário de pesquisa sobre EJA e Covid-19, especificamente a Amazônia Bragantina que foi tratada por Cunha, Neves e Costa (2021). No artigo as autoras cruzaram os dados nacionais sobre EJA com os dados locais do município de Bragança, no estado do Pará. Neste trabalho evidenciou-se o silenciamento e negação dos direitos dos alunos da EJA durante a pandemia de Covid-19, em especial na Amazônia Bragantina.

Entre outras questões também discutiram sobre o documento elaborado em julho de 2020 pelos Fóruns de EJA do Brasil, que trata das ações necessárias para a EJA em tempos de pandemia. Tal documento aponta três pautas de luta, são elas: a disponibilização de banda larga aos alunos da EJA, como direito social; a reafirmação da necessidade da EJA de ser tratada como política pública, não por meio de programas, além do Fórum se posicionar contrário a política da EJA por meio da EAD. E por fim, a defesa de que o ano letivo não precisa coincidir com o ano civil, principalmente, em situações excepcionais como a que nos encontramos. As autoras destacaram a

necessidade de se alcançar os sujeitos da EJA moradores da Amazônia Bragantina em seus diferentes contextos de vida, tais como: os povos dos campos do campo, ribeirinhos, da agricultura familiar, territórios pesqueiros, coletores, dentre outros, tão vulneráveis e esquecidos nesse período pandêmico.

Correia e Nascimento (2021) no artigo bibliográfico “Covid-19, Ensino Remoto e a Educação de Jovens e Adultos”, nos fazem refletir se há aprendizagem significativa por meio do ensino remoto na EJA. Segundo os autores, ainda há certa resistência na adesão tecnológica por parte de alguns docentes que ainda optam pelo ensino tradicional. Mas com a determinação pela suspensão das aulas presenciais pela Organização Mundial da Saúde- OMS, tais docentes não tiveram escolha e nem capacitação para uma atuação eficaz voltada ao ensino-aprendizagem do aluno.

Assim, para os autores, quando se trata da EJA no contexto da pandemia, deve-se considerar que anterior ao surto da Covid-19, o Brasil já enfrentava problemas na oferta e evasão dos jovens e adultos que optam pela modalidade EJA. A pandemia impulsionou o uso das tecnologias educacionais, mas também evidenciou o déficit que o país enfrenta com relação ao acesso à internet de qualidade e às ferramentas, negando aos estudantes o direito a uma aprendizagem significativa (CORREIA, NASCIMENTO, 2021).

No artigo “Políticas e práticas curriculares na Educação de Jovens e Adultos: século XX à pandemia de Covid-19,” Silva (2021) provoca uma reflexão sobre as práticas curriculares EJA, revisitando o percurso histórico do final do século XX até a contemporaneidade, alicerçada em documentos legais e em autores como Paulo Freire. Nesse percurso, a pesquisa constata que a EJA no cenário das políticas públicas curriculares vivenciou poucos avanços para uma modalidade da educação básica nacional específica. Contudo, considerando ao longo de todo o processo histórico não podemos negar todas as contribuições freireanas como legado nos aspectos políticos e pedagógicos que ajudam a orientar as práticas curriculares para a EJA.

Segundo Silva (2021), não se faz EJA apartada da realidade de vida e de mundo dos educandos (ser no mundo e do mundo). Não se pensa a EJA apenas ou centrado no “b a ba”; se pensa EJA da alfabetização à conscientização; se pensa EJA como formação humana. Não se faz EJA sem pensar na formação e ampliação cultural dos sujeitos; não se pode pensar EJA sem oportunizar o protagonismo dos sujeitos, sem

pensar a modalidade como modalidade específica, com suas cores e notas para ser uma educação autêntica. Não se faz educação e EJA, sem conceber que somos seres humanos inconclusos. Em duas palavras é preciso fomentar o “diálogo e o empoderamento” (p. 8).

O artigo de Melo, Silva e Gaia (2022), aborda uma pesquisa bibliográfica sobre as potencialidades do uso das tecnologias digitais (TD) no processo de ensino e aprendizagem no PROEJA e na Educação de Jovens e Adultos (EJA) durante o período de ensino remoto. Tais resultados da pesquisa apresentam que a experiência com uso das TD nesta modalidade de ensino facilitaram aos alunos ter contato com diversos recursos virtuais como alternativas para aperfeiçoar saberes durante o isolamento social no cenário pandêmico, e apontou a necessidade de ampliação das discussões sobre esse processo ao longo do período da vivência do ensino remoto.

Por conseguinte, a pesquisa também considera que o uso de tecnologias digitais foi evidenciado como um importante instrumento pedagógico, além de ser uma ferramenta que pode ser utilizada em situações emergenciais. Destacando que a reflexão a partir do processo de ensino e aprendizagem experimentado no ensino remoto é uma preocupação acerca da prática pedagógica mediada pelas tecnologias digitais, do ensino híbrido e da EJA diante de contextos de incertezas como o imposto pela pandemia da Covid-19 e devem ser ampliados no sentido global.

O conjunto dessas 07 pesquisas abordaram a EJA na situação pandêmica desde uma perspectiva abrangente, complexa, focalizando regiões do país, políticas estaduais de educação, análises de documentos oficiais, além de reflexões sobre os pressupostos históricos, teóricos e legais da modalidade diante da realidade sanitária que se impusera. Tais pesquisas apontam para a tentativa de realizar um registro momentâneo, amplo e amparado em discussões recentes sobre a EJA, de modo a constituir um retrato da modalidade num passado imediato até o presente.

DOCÊNCIA DA EJA NA PANDEMIA: FORMAÇÃO, PERCEPÇÕES E EXPERIÊNCIAS

Um dos ângulos importantes para a análise dos efeitos da pandemia na EJA é o campo das práticas docentes. Verificamos que as pesquisas nesse campo podem ser divididas nos seguintes temas: a) pesquisas sobre práticas de formação no período

pandêmico, b) percepções gerais sobre as práticas de educação não presencial e c) experiências docentes específicas com alguma disciplina na EJA.

A urgência e complexidade da situação pandêmica na EJA mobilizou escolas e secretarias de educação a implementarem programas de formação docente para as demandas da educação não presencial. Mapeamos 03 trabalhos que tratam da formação docente na EJA durante a pandemia.

Segundo a pesquisa de Bolfe e Portilho (2022), sobre a formação oferecida aos docentes por um Centro Estadual de Educação básica no Paraná, o tema da formação docente se evidencia.

Com a desordem causada pela pandemia, foi necessário que os professores tivessem a oportunidade de participar de formações específicas para conhecer e utilizar os recursos tecnológicos no desenvolvimento das aulas remotas e práticas docentes diversificadas, sendo essas um conjunto de ações que os levem a criar oportunidades de ensino e aprendizagem que atendessem as demandas e necessidades educacionais (BOLFE E PORTILHO, 2022, p.224)

As inúmeras dificuldades com a utilização de meios tecnológicos, o domínio dos conhecimentos básicos de informática, falta de recursos computacionais, a precariedade de acesso à internet, problemas que afligiam estudantes e professores, implicavam na necessidade de formação na área. Para Bolfe e Portilho (2022),

Nota-se em várias falas dos professores durante os encontros que a barreira mais evidente está relacionada com os recursos utilizados pelos alunos, muitas vezes o dispositivo é incompatível ou a internet é de pouca qualidade ou limitada, impossibilitando o acesso às aulas. Esses fatores são considerados complexos, tendo em vista a divisão digital gerada pela desigualdade em meio à realidade da sociedade (BOLFE E PORTILHO, 2022, p.236)

A docência na EJA também foi abordada no artigo de Pereira e Barbosa (2020), ao discutirem a “Docência em EJA no IFG: Extensão no Contexto da Pandemia de Covid-19”. Os autores discutiram a proposta de um curso com 40 vagas destinado aos professores da Educação Básica de EJA, da rede pública ou privada, tendo ao final 19 alunos certificados. Dos inscritos, destaca-se que mais de 90% pertenciam à rede pública de ensino e 75% deles atuam nas áreas das Ciências Humanas, Linguagens e Artes.

O curso de extensão “Formação Continuada em Docência na EJA” previu o número total de dez encontros síncronos, com duração de duas horas cada, num total de 20 horas, sendo que os nove primeiros envolviam leitura e discussão dos textos propostos, ficando o décimo e último encontro com a função de avaliar coletivamente a

experiência realizada. O restante do cômputo das 40 horas totais, ficaram dedicadas assincronamente às leituras, apreciação/estudo de materiais audiovisuais disponibilizados.

Os autores consideraram o resultado muito promissor para uma ação desenvolvida no contexto crítico que marca a pandemia da Covid19, considerando as dificuldades no acesso com a internet e do próprio isolamento, exigido pelo período pandêmico vivido.

Os temas da educação permanente e formação continuada docente, e suas questões urgentes para um mundo pós-pandêmico, foram abordados no artigo de Ana Ivenicki (2021). Ao refletir sobre o advento da pandemia no Brasil, seus impactos e desdobramentos educacionais, chama sua atenção a formação continuada docente e a Educação permanente, conhecida também como Educação ao longo da vida.

Diante das críticas às políticas recentes brasileiras sobre a Educação de adultos e o papel do Ensino Superior nesse processo, e por uma dupla perspectiva, a da inclusão social e a emancipatória, a autora aborda que a Educação de Jovens e Adultos deveria incorporar a alfabetização, mas que fosse além dela, promovendo uma continuidade de processos de conhecimento e troca de saberes plurais. Assim, argumenta que o mundo pós-pandêmico dependerá, em grande parte, da forma em que a Educação irá caminhar com as futuras gerações e, também, com a formação inicial e continuada docente e com a Educação ao longo da vida, sobretudo, com a inclusão das temáticas das tecnologias.

Sem desconsiderar a importância das temáticas da educação digital, percebemos uma ausência em fazer da pandemia um tema gerador de formação docente em seus aspectos psicológicos, emocionais, políticos, econômicos, sociais. O que falaremos mais adiante.

Há um grupo de pesquisas, no total 06 trabalhos, que abordam as práticas de alguma disciplina específica da EJA. Esses trabalhos revelam os inúmeros desafios dos docentes em ampliar a diversidade de práticas de ensino de forma remota. Destacam-se os trabalhos que abordam o ensino de Matemática e Artes.

Na pesquisa sobre os desafios do ensino da Matemática na EJA durante a pandemia, Costa e Gonzaga (2022) refletem,

A prática envolvida no processo de ensino e aprendizagem passou por adaptações que modificaram esse processo, fazendo com que o ensino remoto fosse a alternativa a ser utilizada no período da pandemia da COVID-19, possibilitando aos alunos, professores e toda a comunidade escolar transformar seus planejamentos, estratégias, formas de ensino e aprendizado por meio de uma nova perspectiva. Como consequência, grande parte dos envolvidos nesse processo enfrentaram dificuldades, sejam de adaptação, de motivação ou de superação (COSTA E GONZAGA, 2022, p.13)

Tais dificuldades concentravam-se principalmente em torno do uso das tecnologias disponíveis para o ensino. Assim, o trabalho de Correia e Ribeiro (2020) destaca que embora utilizando aplicativos de comunicação e não educacionais em sua maioria, professores de Matemática buscaram associar temas específicos com o cotidiano dos estudantes, com o fim de manter a continuidade dos estudos e evitar a evasão e abandono escolar. Para os autores,

Os resultados das tarefas que foram desenvolvidas mostraram-se promissores, visto que buscamos desenvolver o conteúdo dando significações para o ensino de Matemática na vida de cada aluno e esse fato é uma maneira de trazê-lo de volta para a busca pelo conhecimento, para que assim permaneça na escola e evita-se a possibilidade de um novo abandono escolar (Correia e Ribeiro, 2022, p. 10)

A exemplo disso destaca-se também o artigo de Costa *et al* (2021) que traz como título “BNCC e pandemia Covid-19: impactos causados em uma escola da EJA Cearense”. Os autores dão ênfase ao ensino da Matemática e o nível de impacto da pandemia de Covid-19 e das novas orientações curriculares da Base Nacional Comum Curricular - BNCC, presentes no Projeto Político Pedagógico - PPP da escola, Regimento Escolar e o Currículo de uma Escola Pública Cearense de EJA. Neste trabalho, há questionamentos sobre a BNCC, uma vez que, para os autores, quem determina o que o aluno vai aprender? E a diversidade cultural e regional brasileira, como ficam? Os autores destacam que apesar da escola ter atualizado o PPP no ano 2021, para incluir o ensino remoto, não fez nenhuma previsão para a EJA e nem como se daria o ensino remoto emergencial para essa modalidade, assim como não identificou nenhuma referência no Regimento Escolar sobre a EJA, também atualizado em 2021, para atender o período pandêmico vivido, sendo mantido o que ocorria na escola o ensino semipresencial, não o ensino híbrido.

Aos docentes de Matemática apenas ficou a indicação de adaptação ao Plano de Matriz Curricular - PMC da rede estadual para que cada um fizesse por si a adaptação,

sem maiores aprofundamentos ou discussões que considerassem de fato as necessidades da EJA.

No estado de Roraima, duas pesquisadoras realizaram uma investigação sobre a prática docente no ensino de Matemática na EJA, durante o período pandêmico. No artigo de Scalabrin e Mussato (2020), elas relatam que apesar de ter sido desenvolvida uma sala virtual para o ensino da Matemática, no Google Classroom, menos de 40% dos alunos matriculados acessaram a plataforma. E mesmo tendo sido aplicadas apenas duas atividades, a maior delas obteve somente 23% de participação dos alunos, em uma atividade proposta pelo formulário do Google Forms, de questões de múltipla escolha, evidenciando a inviabilidade de tais mecanismos para a prática educacional na EJA no contexto Amazônico.

A disciplina Artes na EJA, também foi abordada em dois artigos, um na área urbana, outro na EJA Campo. Na pesquisa de Braun *et al* (2021) em seu artigo “A EJA e a pandemia de Covid-19 em uma escola municipal de Pelotas”, os autores entrevistaram uma professora de EJA e seus desafios de ensino no período remoto. Destacam a característica de trabalhador do aluno da EJA e em seguida fazem referência a redução das turmas da EJA no modo presencial e no modo remoto, em alguns casos tendo apenas 6 (seis) alunos no ambiente virtual. A professora entrevistada relatou que tais alunos possuem muitas dificuldades e necessitam de acompanhamento constante e que a diferença de idade resulta também na diferença de interesses entre os alunos, e isso precisa ser considerado nas turmas de EJA.

Ainda segundo relato da professora entrevistada, no período pandêmico sua escola trabalhou tanto de forma *online* como com trabalhos impressos aos alunos da EJA e que as dificuldades dos alunos só se agravaram. As atividades em sua maioria eram assíncronas, uma vez que em encontros síncronos os alunos raramente podiam comparecer dadas suas condições de desigualdade social. Por fim, os autores propõem a criação de um novo currículo, mais inclusivo e que considere os alunos da EJA em suas especificidades de alunos trabalhadores.

Na pesquisa autobiográfica de Silva (2022) sobre o ensino de Artes na EJA Campo, no artigo intitulado “Os fios que tecem as trajetórias de vida no campo: Entrelaçamentos de saberes e fazeres na Educação de Jovens e Adultos do Centro Educacional Casa Grande no Contexto da pandemia da Covid-19”, a autora faz diversos

questionamentos sobre a especificidade da EJA Campo e sobre sua obrigatoriedade em também seguir o ensino remoto na Covid-19, mesmo sem ter condições para tal,

Difícil mesmo é compreender, por que uma educação que pressupõe tantas especificidades, teve de se contentar com seguir a orientação única de manter-se em ensino remoto durante os primeiros anos da pandemia de Covid-19 no Brasil. Pensando ainda na Educação de Jovens e Adultos, esta realidade se fez ainda mais cruel. O adulto, trabalhador agrário, além de precisar trabalhar para não sofrer ainda mais os impactos da pandemia, não possui muitas vezes nem sinal adequado de rede de internet ou celular. Como então, permitir que o ensino remoto seja a única opção para quem não detém esta alternativa? Foi preciso uma resistência cultural e intelectual da parte dos professores e alunos da EJA do Campo, para que através da busca ativa, mantivéssemos o mínimo do vínculo necessário para não perder de vez estes alunos para a evasão escolar (SILVIA, 2022, p.194)

Para a autora, a arte parece encontrar um lugar privilegiado na EJA. Por meio do teatro, desde o primeiro processo de arrumação da sala com almofadas para as escritas autobiográficas, a docente acolheu e ofereceu afeto. Servindo como provocador e ativador da memória corporal, social, familiar, cultural e pessoal, ela afirma que as mulheres, apesar de serem a minoria em sala, eram as mais participativas.

A autora realizou com os alunos da EJA Campo, durante as aulas de Artes, produções autobiográficas e entre outras temáticas os alunos tiveram oportunidade de escrever sobre suas vivências e experiências em meio a Covid-19. Em seu relato a autora dizia, “ainda havia um tecido que cobria nossa boca e a leitura e a expressão era ofegante” (SILVIA, 2022, p.200), uma vez que sua pesquisa se deu em meio a possibilidade da segunda dose da vacina e apesar da vontade de retirar a máscara ser grande, ainda não era possível. Por fim, as produções autobiográficas foram postas no centro da sala, em um grande galho seco, firmado em uma caixa de areia, com luminárias ao redor, como fruto de um semestre de trabalhos em 2021, dando a importância devidas às suas vivências em meio à Covid-19.

Sem especificar as disciplinas abordadas, há um conjunto de pesquisas sobre a EJA em termos abrangente buscando pensar as práticas, as percepções, medidas governamentais e experiências dos docentes na pandemia.

Destaca-se a reflexão de Figueira e Rodrigues (2021, p. 158) sobre um programa de EJA da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro no ano de 2020, com o objetivo de investigar, mergulhar “com todos os sentidos nos conhecimentos que são produzidos na/com EJA – sujeitos encarnados e suas *práticas políticas* cotidianas- (...) (re)pensar quais foram as condições para esse público no período pandêmico.”

Para Figueira e Rodrigues (2021, p.159) as práticas docentes da EJA foram “elaboradas pelos professores como inéditos-viáveis (FREIRE, 2014) por entender que suas propostas buscam a superação das situações-limites impostas pela pandemia de COVID-19”. Por meio de uma pesquisa qualitativa e documental, análises de planejamentos e de práticas educativas no período entre os meses de abril e dezembro de 2020 registradas nas plataformas online (Teams, WhatsApp e Google Sala de Aula2), os pesquisadores afirmam ainda:

As *práticas políticas* apresentadas vemos que professores e professoras deixam claro seu compromisso profissional e social com a educação, criam inéditos-viáveis (FREIRE, 2014) e táticas (CERTEAU, 2014) para aproximarem-se pedagogicamente dos estudantes, orientando-os a se fortalecerem perante as situações-limites vividas na pandemia de Covid-19. Reconhecem os impeditivos de acesso de muitos alunos aos recursos tecnológicos, contudo, dinamizam caminhos outros de acesso ao conhecimento. (FIGUEIRA E RODRIGUES, 2021, p. 169) (grifos do autor)

Outra maneira abrangente de investigar a prática docente na EJA na pandemia partiu de um recorte de uma ampla pesquisa sobre os impactos da utilização das tecnologias educacionais por meio do ensino remoto nas atividades escolares em municípios baianos. Os pesquisadores Sousa, Oliveira e Júnior (2021) fizeram um levantamento por meio de formulários online com participação espontânea de 103 docentes, e buscaram escutar as percepções dos docentes da modalidade para analisar e compreender o andamento das atividades educativas diante da suspensão do ensino presencial provocado pela pandemia. De acordo com os autores, a partir das falas dos docentes concluíram,

As debilidades que, historicamente, esse campo da educação apresenta como: a ausência de formação para o trabalho na modalidade; as dificuldades que marcam a escola noturna, na qual predominantemente funciona a EJA; a evasão, entre outros elementos, aparece claramente na fala dos entrevistados, os quais reafirmam a ausência de preocupação por parte do Estado com essa oferta educativa. As preocupações vislumbradas na fala dos informantes da pesquisa estão para além das relações didático-pedagógicas. Existem, por parte dos docentes, preocupações que não se desvinculam das condições de vida dos alunos, do cenário econômico, das relações sociais estabelecidas entre a pandemia e o agravamento das desigualdades sociais e, por conseguinte, educacionais (SOUSA, OLIVEIRA E JÚNIOR, 2021, p. 357)

Para Sousa, Oliveira e Júnior (2021) a EJA foi uma das modalidades e ofertas educativas que mais sofreu impactos com a pandemia, deixando-a vulnerável, dada às próprias particularidades de perfil socioeconômico dos estudantes, o descaso dos governos municipais e estaduais, sobretudo quanto às políticas de financiamento e formação continuada.

O artigo de Silva e Barboza (2022) “Contradições da Educação de Jovens e Adultos em tempos de educação remota”, tratou das potencialidades e limites das práticas pedagógicas mediadas por tecnologias digitais, no contexto recente em que o mundo convive com a pandemia da Covid-19. A pesquisa centrou-se na modalidade da Educação de Jovens e Adultos, nos níveis Fundamental e Médio, sobre as maiores dificuldades de adaptação às novas práticas de ensino e de aprendizagem com interface tecnológica. Tratou-se de uma pesquisa de abordagem quali-quantitativa, que fez uso de questionário, como recolha de dados, respondido por 79 professores, por meio de formulário digital.

Tais conclusões do estudo evidenciaram a baixa adesão dos alunos da EJA às plataformas digitais, às atividades remotas e a necessidade de políticas públicas na formação docente sobre o uso das tecnologias. Assim como, circunscrevem-se que o modelo de escola precisa se reinventar, assegurando o direito à educação, em todas as fases de escolarização, considerando as dificuldades sinalizadas pelos professores para adaptação ao novo fazer pedagógico evidenciando a formação docente como um caminho e investimento, assim como todas as mudanças necessárias.

Santos et al (2021), tratou dos saberes e as problemáticas na educação, no contexto da Covid-19, para proposições alternativas na realidade amazônica ribeirinha, no Rio Negro – Amazonas, que envolveu a EJA. Tais reflexões iniciais evidenciaram os desafios tecnológicos experienciados no contexto educacional ribeirinho e como os saberes pedagógicos, contemplando docente e discentes, estão em constante construção, oportunizando formas de aprendizagem condizentes com a realidade dos alunos. Contudo, considerou o “fator tempo” como uma questão importante sobre o processo de construção dos saberes experienciais por meio da modalidade em EAD, ensino remoto ou atividades não presenciais.

Alves, Silva e Bessa (2021) abordaram uma proposta de ensino formalizada em um projeto interdisciplinar construído para o III segmento da EJA do Ensino Médio por professores da área de linguagens de uma escola pública brasileira. O tema interdisciplinar constituiu-se um dos desafios de como superar os percalços da ação docente considerando não apenas a concepção mediante o trabalho coletivo, mas a formação teórica de cada professor no planejamento dos processos de ensino e de aprendizagem de forma efetiva e exequíveis durante a pandemia.

Silva, Souza e Netto (2021) pensaram como correlacionar a prática de letramento e avaliação com o uso das tecnologias como desafios para ação docente na EJA e as lógicas escolares. Entretanto, esse contexto pandêmico não somente apresenta desafios de acesso à educação, mas sobretudo instiga o olhar sobre as práticas educativas direcionadas por um aparato regulador da avaliação.

De um modo geral, as pesquisas que abordaram a formação docente apontaram para uma formação técnico-pedagógica pragmática, imediatista, sem tempo e nem debates suficientes para implementação das práticas com qualidade. Parece-nos que a urgência em ofertar práticas remotas de ensino e minimizar a precariedade do processo educativo guiaram substancialmente a formação docente para um tecnicismo e produtivismo escolar, negligenciando outros aspectos importantes para a compreensão crítica e global do fenômeno educativo pandêmico, outras perspectivas que não apenas técnico-pedagógica sobre a EJA na Pandemia.

Contudo, as pesquisas que abordam as práticas docentes mostram claramente o conflito entre uma formação técnica com predominância para a temática da educação digital e a realidade das turmas de EJA, uma realidade marcada pelo perfil dos estudantes, pela precariedade da estrutura de informática, além do esforço surpreendente dos docentes em equalizar a condição sanitária imposta pela pandemia com suas vivências e experiências próprias, as dificuldades do ensino não presencial e a manutenção de um compromisso político social com a garantia do direito à educação. Um esforço hercúleo combinando momentos de heroísmo ingênuo e crítica perplexa diante da realidade.

OLHARES E NARRATIVAS DISCENTES DA EJA NA PANDEMIA

Uma perspectiva pouco privilegiada nas pesquisas foi a percepção dos ou sobre os estudantes da EJA durante a pandemia. Em número reduzido de investigações, alguns trabalhos, no total de 05, contemplaram as questões discentes, os olhares e narrativas dos estudantes em sua condição educativa e pandêmica. Assim é o artigo de Silva, Freitas e Almeida (2021), que refletiu sobre os impactos e desafios impostos aos sujeitos da EJA sob o ponto de vista dos estudantes. Os autores afirmam que,

Puderam perceber que a EJA se mantém como importante modalidade de ensino, na qual existe possibilidade de crescer e aprender, mesmo diante de um cenário tão adverso, e que a força de vontade de cada discente/docente faz toda a diferença nesse momento (SILVA, FREITAS E ALMEIDA, 2021, p. 08)

Essa pesquisa que apresenta as percepções dos estudantes mostrou um desafio maior no sentido de acesso às suas perspectivas, pois encontravam-se numa situação de penosa dificuldade de comunicação virtual, além da precariedade da condição social que se agravou com a pandemia. O que mostra, por exemplo, uma pesquisa realizada apenas com 03 estudantes.

Os relatos dessa pesquisa mostraram versões diversas sobre a EJA na pandemia, perspectivas que vão do entusiasmo pelas mudanças educativas com o uso de tecnologias, até mesmo a frustração com as dificuldades sociais, comunicativas e educativas no processo.

Nesse trabalho percebeu-se que o caráter emergencial da educação não presencial teve o objetivo de preencher a necessidade de continuidade dos estudos diante do fechamento das escolas por razões sanitárias, assim não só estudantes como gestores, familiares, docentes tiveram um tempo reduzido e acelerado para pensar e aplicar alternativas educativas para manter os vínculos com estudantes, manter o cumprimento dos dias letivos e conteúdos, além de enfrentar inúmeros impeditivos, sejam eles sociais, sanitários, econômicos, domésticos, emocionais, obstáculos próprios de uma situação pandêmica.

O artigo de Souza, Santos e Junior (2021), “Narrativas dos estudantes da EJA no Contexto da Pandemia da Covid-19: Reflexões a partir do olhar freiriano”, partiu para a análise de narrativas de estudantes da EJA, o papel do professor no processo de amorosidade e acolhimento dos alunos durante o período de pandemia e o fechamento das unidades escolares. Foram ouvidos 06 (seis) alunos que relataram suas dificuldades quanto a acompanhar as aulas na modalidade remota, pela ausência de computadores em casa, acesso à internet limitado ou sem sinal - pois muitos deles moram e trabalham no campo, além da falta de habilidade com uso de aplicativos no celular por não saber utilizar o aparelho.

Destacaram que se sentiram acolhidos por meio da pronta escuta docente durante o retorno das aulas, reafirmando a necessidade da sala de aula ser um espaço

humanizador de diálogo e escuta, propiciando o acolhimento, uma vez a “educação é um ato de amor” (FREIRE, 1987, p. 79). Destacaram no artigo que,

É na convivência amorosa com seus alunos e na postura curiosa e aberta que assume e, ao mesmo tempo, provoca-os a se assumirem enquanto sujeitos sócios histórico-culturais do ato de conhecer, é que ele pode falar do respeito à dignidade e autonomia do educando (FREIRE, 1996, p.11)

Os autores finalizaram o texto reafirmando que a pandemia só reforça o ciclo de exclusão desses educandos, pois os sujeitos da EJA, de modo geral, são também vítimas do trabalho precário, da instabilidade e dos baixos salários.

Também no artigo de Laffin, Machado e Martins (2021) os autores trazem análises sobre os dados estatísticos nacionais sobre as desigualdades no contexto da pandemia, quem são e onde se localizam os sujeitos da EJA e os desafios das ações educativas para estudantes e docentes. Os autores destacam a crescente nos números de desempregados, após a pandemia, especialmente entre os pardos e pretos autodeclarados, principais sujeitos da EJA, destacando ainda que nas regiões Nordeste e Norte concentram-se grande parte dos analfabetos do Brasil. Para os autores, essa situação histórica de desigualdade no Brasil vem marcada pela cor, gênero, renda, localidade/território habitado, assim como pelas condições de moradia e de estudo, e afirmam que esse ainda é um grande desafio educativo a considerar no conjunto das práticas docentes, a diversidade e o reconhecimento de quem são os(as) estudantes da EJA (LAFFIN, MACHADO e MARTINS, 2021), o diálogo com Paulo Freire ganhou centralidade no artigo, como possibilidade de repensar o contexto vivido.

O tema ansiedade relacionada aos alunos da EJA durante a Covid-19, foi o objeto de pesquisa de Vasconcelos e Martins (2022) no artigo “Ansiedade na Pandemia Covid-19: Influências no Aprendizado da EJA - Educação de Jovens e Adultos e Terapia Cognitivo Comportamental na Intervenção”. Para os autores, o panorama atual da educação envolve muitas medidas para prevenir o contágio do vírus, tais como distanciamento, isolamento social, aulas remotas, e isso implica na geração de diversos impactos emocionais transtornantes nos alunos (VASCONCELOS e MARTINS, 2022). O objetivo da pesquisa foi discutir como a ansiedade, tem interferido na aprendizagem de alunos da EJA, e destacar as contribuições da Terapia Cognitivo Comportamental na intervenção. Os resultados apontaram no sentido de que a ansiedade produzida durante o período da Covid-19 trouxe prejuízos na educação de jovens e adultos; assim como a presença de sintomas de angústia, inquietação, medo intenso, preocupação; o

isolamento e outras medidas adotadas contra a pandemia influenciam no comportamento emocional dos alunos, provocando dificuldades na cognição e interação social, que são fatores importantes para aprendizagem (VASCONCELOS e MARTINS, 2022). Para os autores, a psicoeducação precisa ser um caminho de superação de tais dificuldades na EJA e a Terapia Cognitivo Comportamental - TCC pode contribuir em tal ação de intervenção, em sala de aula nas turmas de EJA.

A EJA em tempos de pandemia a partir da análise do fator (des)motivação é destacada nas pesquisas no cenário pandêmico pelos autores Pinho *et al*(2022). As discussões partem das experiências obtidas em turmas de EJA, a partir do Programa Residência Pedagógica em Geografia, da Universidade Federal de Pernambuco, mediante o processo de acompanhamentos e intervenções, acerca das inquietações em razão da baixa participação e a falta de motivação dos alunos, a partir das experiências da realidade educacional imposta pela pandemia da Covid-19.

Os autores evidenciaram que os desafios no acesso às tecnologias e as dificuldades de compreensão das práticas pedagógicas interferiram bruscamente na qualidade do ensino e na motivação do alunado. Diante disso, um número significativo de alunos se ausentou ou interrompeu sua escolarização em virtude dos formatos das aulas remotas não assegurarem suficientemente o acesso e a permanência dos sujeitos nas práticas escolares.

Diferentemente do tema da formação docente da EJA na pandemia, quando se volta o olhar para a condição discente, percebemos a necessidade de ir além do debate pragmático e imediatista da capacitação em educação digital. As temáticas da efetividade, dos problemas emocionais como ansiedade, angústia, motivação, da condição socioeconômica dos estudantes extravasam em muito a ênfase predominantemente técnica oferecida na formação docente, o que resulta inevitavelmente numa fragilidade de atuar em outras dimensões educacionais que a pandemia cobrava atenção.

A EJA E O CENÁRIO PANDÊMICO: ALGUMAS CONCLUSÕES

Após analisar os impactos, as medidas governamentais, as projeções, as práticas docentes e as percepções dos estudantes na EJA durante a pandemia, podemos esboçar uma descrição desse cenário pandêmico da EJA no Brasil como nossas considerações

em termos de conjunto de problemáticas. Portanto, faz-se necessário caracterizar o cenário da EJA na situação pandêmica com alguma atualidade e relevância reflexiva sob uma perspectiva analítica abrangente de modo a delinear um diagrama aproximado das relações globais e locais que se estabeleceram neste campo de investigação.

Parece-nos interessante pensar, inicialmente, na pandemia da COVID-19 e no coronavírus como “uma força anárquica de metamorfose” tal como nos diz Emanule Coccia (2020). O filósofo italiano afirma que o vírus é uma força que ultrapassa as fronteiras da vida sem se limitar a um corpo. Por sua força de novidade, transformação, inovação, dotado de uma liberdade incomum, anárquico, quase imaterial, sem pertença a indivíduo, tem a capacidade de transformar todos os seres vivos, alcançando também uma singularidade.

El poder transformador de los virus obviamente da algo de miedo, ya que Covid-19 está cambiando nuestro mundo profundamente. La crisis epidemiológica finalmente se superará, pero la aparición de este virus ya ha cambiado irreparablemente nuestros estilos de vida, realidades sociales, equilibrios geopolíticos. Gran parte de la angustia que experimentamos hoy resulta de nuestra comprensión de que el ser vivo más pequeño es capaz de paralizar a la civilización humana mejor equipada desde un punto de vista técnico. Este poder transformador de un ser invisible produce, creo, un cuestionamiento sobre el narcisismo de nuestras sociedades. (COCCIA, 2020, p. 26)

Destacamos algumas razões para partirmos dessa concepção de vírus como força anárquica de metamorfose. A primeira delas diz respeito às mudanças profundas que a pandemia provocou, não limitando-se apenas a um acontecimento epidemiológico, mas de ampla repercussão social, política, econômica, ecológica e subjetiva. O que implica perceber que a pandemia também provocou transformações na educação.

A educação foi convocada e obrigada a participar das grandes mudanças causadas pelo coronavírus. A EJA esteve mergulhada nessas transformações pandêmicas, atuou, foi convocada e mobilizada social, epidemiológica, subjetiva, pedagógica e politicamente.

No entanto, a percepção que temos é que a força e a rapidez de tais mudanças provocadas pelo vírus – além do imperativo, da urgência e das obrigações governamentais, as gélidas resoluções e portarias específicas para a educação não presencial – condicionou tais pesquisas a demarcarem determinados focos de análises e ocultarem aspectos importantes desse processo educativo.

Percebemos nesse cenário pandêmico um foco maior nas análises sobre as dimensões político-econômicas e didáticas dos impactos da pandemia sobre a EJA, com uma predominância de uma reflexão pragmática, imediatista e com forte apelo tecnicista. Foram poucas as análises que tocassem questões do campo da saúde seja ela física, mental, emocional seja em relação ao docente e ao estudante. Quase nada se falou sobre o adoecimento das dos docentes, discentes e seus familiares. Raríssima, por exemplo, alguma pesquisa que abordasse a pandemia sob um ponto de vista ecológico ou planetário. Essas questões ficaram à margem, seja pela falta de atenção ou de habilidades sobre o assunto. Isso é evidenciado sobretudo em que nenhuma pesquisa sobre formação docente tais temáticas apareceram, a não ser de forma muito modesta em pesquisas sobre a condição discente.

Excepcionalmente, em seu artigo “Mesmo em tempos de Covid-19, não dá para lavar as mãos de Paulo Freire”, Ireland(2020) dá ênfase à necessidade de atenção imediata às questões climáticas e ambientais, voltados para a ecossustentabilidade, e que o modelo de EJA atual está ultrapassado, por apresentar-se como uma educação compensatória, com um forte viés escolar, ainda muito voltada para a certificação apenas. O autor destaca que a pandemia nos veio evidenciar a falsa noção de que vivemos em um mundo conectado, onde todos têm acesso ao mundo virtual. Segundo o autor, ao se pensar no pós- Covid,

A EJA, agora, tem a oportunidade de escrever uma nova narrativa, em que se valoriza a vida humana acima de valores econômicos e materialistas puramente individuais e cooperação acima de demandas individuais. Está na hora, uma vez para sempre, de enterrar as palavras trágicas de Margaret Thatcher de que “Não há sociedade, somente indivíduos” – a negação da essência da humanidade (IRELAND, 2020, p. 435)

Assim, para Ireland (2020), a pandemia não pode ser vista dissociada da crise ecológica que estamos vivendo e encerra seu artigo apresentando as lições da pandemia e que ela pode ser um presságio de outras que virão se nada for feito, e o caminho também passa por tratarmos de tais questões nas turmas de EJA, inclusive abordando a saúde preventiva. E afirma que Paulo Freire já mudou os rumos no passado da EJA, agora é nossa vez de escrevermos uma nova narrativa, urgente.

Com a exceção deste trabalho de Ireland (2020), apenas por uma leve menção no relato de um dos educadores pesquisados, a pandemia tornou-se “tema gerador”. A predominância foi de uma concepção de prática educativa e de formação docente que

pendulava entre adaptação, ajuste, salvacionismo, heroísmo e superação. Dessa forma, a EJA teve que atuar em amplas esferas pedagógicas, mas de modo muito tímido voltou-se de modo humanista a responder à angústia social, a perturbadora aproximação da morte e o seu luto correspondente. Parece-nos que foi tomada pela força de um narcisismo pedagógico para manutenção do ritmo produtivo escolar, a despeito de todos os esforços críticos dos educadores e educadores.

Nesse cenário pandêmico também ficou evidente a condição periférica e marginal da EJA diante de outras modalidades e níveis de ensino. Não observamos também uma detida e crítica abordagem teórica sobre a concepção da educação não presencial, de EAD ou ensino remoto, muito embora encontremos críticas duras quando a análise é documental-bibliográfica e quando passamos a analisar as práticas dos professores.

A confirmação dessa condição periférica da EJA expressa-se sobretudo no perfil socioeconômico dos estudantes, em sua maioria de classes populares, trabalhadores, grupos que padecem de vulnerabilidades várias, produzidas pela exploração capitalista, discriminação racial e sexual. Daí que pensamos que os problemas pedagógicos, políticos, sociais e econômicos da EJA se agudizaram, deslocando seus sujeitos irremediavelmente para “sul da quarentena” como refletiu Boaventura de Sousa Santos (2020) em seu livro “A cruel pedagogia do Vírus”. Este “ao sul” expressa não só a condição de sofrimento e injustiça social que se impõem aos sujeitos da EJA, mas também como a modalidade foi e está sendo tratada pelos governos em suas várias esferas. Esperamos que com estas reflexões possamos contribuir para transfigurar este “sul” debilitado e vulnerável da EJA, em uma potência de resistência e luta por dignidade, democracia e justiça.

REFERÊNCIAS

ALVES, SILVA E BESSA. **Projeto interdisciplinar e desenvolvimento da aprendizagem na eja em tempos de covid-19: uma análise crítico-reflexiva**. Signo. Santa Cruz do Sul, v.46, n. 85, p.180-192, jan./abr. 2021.

ANDRADE. **Tendências da educação de jovens e adultos pós-pandemia de covid-19**. RTPS – Rev. Trabalho, Política e Sociedade, Vol. 6, nº 10, p. 213-238, jan.-jun./2021

BARDIN L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições70; 1977.

BOLFE E PORTILHO. Formação de professores da eja em tempos de pandemia: interação, criatividade e aprendizagem. Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 22, n. 72, p. 222-246, jan./mar. 2022

BRAUN et al. A EJA e a pandemia de covid-19 em uma escola municipal de pelotas. Revista Seminário de História da Arte ISSN 2237-1923 VOLUME 02, Nº 09, 2022

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. et al. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, Vozes, 2008.

COELHO, Wilma de N. B.; OLIVEIRA JÚNIOR, Waldemar B. Educação para as relações étnico-raciais na escola básica: produções em teses, dissertações e artigos (2014-2018). Humanidades & Inovação, Palmas, v. 7, n. 15, p. 262-280, 2020.
Disponível em:
<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/3860>.
Acesso em 16/09/2022

CORREIA E NASCIMENTO. Covid-19, ensino remoto e a educação de jovens e adultos. BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA) ano III, vol. 6, n. 17, Boa Vista, 2021

COSTA E GONZAGA. Os desafios do ensino de matemática no contexto da pandemia da COVID-19: um olhar para a educação de jovens e adultos. Research, Society and Development, v. 11, n. 5, e35011528217, 2022

COSTA et al. BNCC e pandemia covid-19: impactos causados em uma escola eja cearense. Research, Society and Development, v. 10, n. 16, 2021

COCCIA, Emanuele. El vírus es una fuerza anárquica de metamorfoses. In: **Capitalismo y Pandemia** (Varios autores). Editorial Filosofia Libre, 2020.

CUNHA JÚNIOR et al. Educação de jovens e adultos (eja) no contexto da pandemia de covid-19: cenários e dilemas em municípios baianos. Revista Encantar - Educação, Cultura e Sociedade - Bom Jesus da Lapa, v. 2, p. 01-22, jan./dez. 2020

CUNHA, NEVES E COSTA. A EJA em tempos de pandemia de covid-19: reflexões sobre os direitos e políticas educacionais na Amazônia Bragantina. NOVA REVISTA AMAZÔNICA - VOLUME IX - Nº 01 - MARÇO 2021.

FERREIRA E RIBEIRO. Proporcionalidade entre grandezas na eja: experiências no ensino remoto. Cadernos de Aplicação (online) Porto Alegre | jan-dez. 2022 | v.35

FERREIRA, Márcia Ondina Vieira; NUNES, Georgina Helena Lima. Panorama da produção sobre gênero e sexualidades apresentada nas reuniões da ANPEd (2000-2006). In. 33º REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 33, 2010, p. 1-16. Caxambu- MG, 2010.
Disponível em:

<http://33reuniao.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT23-6147--Int.pdf> Acesso em 15/09/2022.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. **As pesquisas denominadas “estado da arte”**. Educação & Sociedade, São Paulo, ano 23, n. 79, p.257-272, ago. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n79/10857.pdf> Acesso em 29/08/2022.

FIGUEIRA E RODRIGUES. **Práticas políticas de escolarização do peja no contexto da covid-19: táticas e (im) possibilidades**. Revista Communitas V5, N11 (Jul Set/2021): Esperançar a EJA

IRELAND. **Mesmo em tempos de COVID-19, não dá para lavar as mãos de Paulo Freire**. Revista *Retratos da Escola*, Brasília, v. 14, n. 29, p. 427-441, mai./ago. 2020

IVENICKI, A. **A educação permanente e a formação continuada docente: questões urgentes para um mundo pós-pandêmico**. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.29, n.113, p. 849-856, out./dez. 2021

LAFFIN, MACHADO e MARTINS. **Resistências e esperanças em freire: reflexões acerca da educação de jovens e adultos no período de pandemia da covid-19**. Debates em Educação. Vol. 13 | Número Especial | 2021

LIMA *et al.* **Educação não presencial na eja do paraná em tempos de pandemia: uma proposta possível?** INTERACÇÕES NO. 54, PP. 106-125 (2020).

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, EPU, 1986.

MELO, SILVA E GAIA. **Tecnologias digitais: as complexidades do cenário pandêmico no proeja e na eja durante o ensino remoto**. Educitec - Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico, Manaus (AM), v. 8, e198522, 2022.

PEREIRA E BARBOSA. **Docência em eja no ifg: extensão no contexto da Pandemia Covid-19**. Revista UFG. 2020, v.20

PINHO *et al.* **A EJA em tempos de pandemia: análise do fator (des)motivação**. Revista de Geografia (Recife) V. 39, No. 1, 2022

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. **As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte” em educação**. Diálogo Educ., Curitiba, V. 6, n. 19, p. 37-50, set./dez. 2006. Disponível em: <http://alfabetizarvirtualtextos.files.wordpress.com/2011/08/as-pesquisas-do-tipo-estado-da-arte-em-educac3a7c3a3o.pdf> Acesso em 25/08/2022.

SANTOS *et al.* **A realidade da educação ribeirinha no contexto da covid-19: saberes pedagógicos para a ação docente**. Revista Práxis | Novo Hamburgo | a. 18 | n. 3 | set./dez. 2021

SANTOS, Boaventura de Sousa de. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Edições Almedina, 2020.

SCALABRIN E MUSSATO. **Estratégias e desafios da atuação docente de uma professora no contexto da pandemia da Covid-19**. Revista de Educação Matemática, São Paulo, SP, v. 17, 2020, p. 1-19

SILVA E BARBOSA. **Contradições da educação de jovens e adultos em tempos de educação remota**. ETD- Educação Temática Digital Campinas, SP v.24 n.1 p. 14-31 jan./abr. 2022

SILVA, E. J. L.. **Políticas e práticas curriculares na educação de jovens e adultos: século XX à pandemia de Covid-19**. REV. ESPAÇO DO CURRÍCULO(ONLINE), JOÃO PESSOA, V.14, N.1, P. 1-9, JAN/ABR. 2021

SILVA, FREITAS E ALMEIDA. **A eja e o ensino remoto emergencial: um olhar discente**. Ensino em Perspectivas, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 1-10, 2021

SILVA, SOUSA E NETTO. **Letramento e avaliação em tempos de covid-19: uma análise com estudantes da EJA**. Estud. Aval. Educ., São Paulo, v. 32, e08265, 2021

SILVA. **Os fios que tecem as trajetórias de vida no campo: entrelaçamentos de saberes e fazeres na educação de jovens e adultos do centro educacional casa grande no contexto da pandemia da covid-19**. Cadernos RCC#29 • volume 9 • número 2 • maio 2022

SOUSA, OLIVEIRA E JÚNIOR. **A educação de jovens e adultos (eja) no contexto da pandemia**. Revista Humanidades e Inovação v.8, n.61, 2021

SOUZA, SANTOS E JÚNIOR. **Narrativas de estudantes da eja no contexto da pandemia da covid-19**. Revista Educação e Ciências Sociais, Salvador, v.4, n.7, 2021.

VASCONCELOS E MARTINS. **Ansiedade na pandemia covid-19: influências no aprendizado da eja-educação de jovens e adultos e terapia cognitivo comportamental na criança**. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação. São Paulo, v.8.n.07. jul. 2022

WINTER E MARASCHIN. **Eja–ept: a pandemia covid-19 e o agravamento da crise capitalista**. EJA em Debate | Ano 10, n. 18, jul./dez. 2021 | ISSN: 2317-4417

Recebido: 31/10/2022. Aceito: 5/12/2022. Aceito: 2/1/2023.

Autores:

Rafael Grigório Barbosa

Educador popular, pedagogo e professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará – IFPA/Campus Bragança, doutorando em educação pela Universidade Estadual de Campinas. Membro da Cátedra Paulo Freire da Amazônia.

E-mail: rafael.barbosa@ifpa.edu.br

País: Brasil

Nívia Maria Vieira Costa

Doutora em Educação com Pós-doutorado em Educação de Adultos pela Universidade de Coimbra-PT. Professora do IFPA/Campus Bragança. Membro da Cátedra Paulo Freire da Amazônia.

E-mail: nivia.costa@ifpa.edu.br

País: Brasil

Alessandra Sampaio Cunha

Doutora em Educação. Técnica em Assuntos Educacionais do IFPA/Campus Bragança. Membro da Cátedra Paulo Freire da Amazônia.

E-mail: alessandra.sampaio@ifpa.edu.br

País: Brasil